

ERIC FRATTINI

o  
LABIRINHO DE  
ÁGUA



Tradução de Fernando Dias Antunes

 Porto  
Editora

# I

*Alexandria, ano 68 da nossa era*

Num isolado e humilde casebre do bairro oriental de Alexandria, iluminado apenas por algumas lamparinas de azeite, um ancião permanecia imóvel no seu leito de morte. Junto a ele encontrava-se Eliezer, seu fiel discípulo, outrora um rico comerciante de tecidos da Judeia que tinha abandonado o seu negócio para seguir o seu mestre.

Os protagonistas da tragédia vivida trinta e cinco anos antes já não existiam. Tinham decorrido pouco mais de três décadas desde que Jesus Cristo fora crucificado no Gólgota; vinte e quatro anos após o prefeito do Império, Pôncio Pilatos, ter sido desterrado para a Gália pelo imperador Calígula e se ter suicidado; vinte depois de Caifás, presidente do Grande Sinédrio, ter falecido em estranhas circunstâncias.

Onze dos doze discípulos que acompanharam o mestre naquela Última Ceia no bairro de Sião tinham tido a mesma sorte. Pedro tinha sido crucificado e açoitado precisamente um ano antes, em Roma, por ordem de Nero; Bartolomeu rumou à Turquia, onde foi esfolado vivo por bandidos; Tomé adoeceu e faleceu num subúrbio da Índia; Mateus, depois de desfrutar de uma longa vida e de difundir a mensagem do seu mestre na Etiópia, Pérsia e Macedónia, morreu placidamente; Tiago foi martirizado por ordem do sumo-sacerdote Ananias e lançado vivo do alto de uma falésia; André, irmão de Pedro, foi crucificado na cidade grega de Patras; Tiago, o Maior, seria degolado por

ordem de Herodes Agripa; João, irmão de Tiago, queimado em azeite a ferver por ordem de Domiciano; Filipe, crucificado por ordem do pro-cônsul de Roma, na cidade de Hierápolis; Judas Tadeu faleceria no norte da Pérsia; e Simão, o Zelote, morreria mártir, nas margens do Mar Negro.

Na memória do ancião ainda permanecia viva a recordação do seu mestre e o diálogo que ambos tinham mantido antes do início da ceia pascal. Recordava-se perfeitamente de como, após a detenção do seu mestre, Simão, o Cananeu, antigo membro dos zelotes, tentara matá-lo por ordem de Pedro. Tinha a certeza de que Pedro agira desse modo com o intuito de fazer desaparecer quem pudesse pôr em dúvida a sua liderança após a morte do mestre. Pedro convenceu os restantes discípulos de que fora o ancião que agora jazia naquele catre quem entregara o Homem aos sacerdotes do templo.

Entre a lucidez e o delírio causado pela febre, o moribundo tentava recordar o momento em que Simão, o Zelote, declarara ter visto Pedro a falar com Jónatas, o chefe da guarda, perto do templo, pouco antes da ceia da Páscoa. Mas depois da prisão do seu mestre em Getsemani, os acontecimentos precipitaram-se tão rapidamente que ninguém voltou a perguntar a Simão por aquele estranho encontro entre Pedro e o chefe da guarda do Templo.

Para o ancião, o único sobrevivente dos treze comensais presentes naquela ceia, aquela conversa tornara-se uma das incógnitas que o acompanhariam até ao preciso momento da sua morte, naquele escuro e solitário recanto do norte do Egipto.

Eliezer quebrou o silêncio das suas recordações. Tentou acomodá-lo no catre para lhe dar um pouco de água num recipiente de barro, mas faltava-lhe o fôlego.

– Fiel Eliezer, deves ser o herdeiro da minha palavra – sentenciou.

– Está bem, mestre, mas tente beber um pouco de água – replicou o discípulo, resignado.

O ancião conseguiu afastar bruscamente o recipiente dos lábios e dirigiu-se ao discípulo:

– Eliezer, pega em folhas de papiro e escreve o que te vou relatar. Se morro sem te revelar as palavras que me disse o meu mestre antes de ser preso e condenado, jamais os herdeiros da sua palavra poderão conhecer

a verdade. Se faleço, esses factos morrerão comigo – proferiu, com um certo ar de mistério.

– Está bem, mestre, mas tente descansar um pouco – pediu Eliezer.

– De maneira nenhuma – protestou o ancião. – Dentro de pouco tempo, já não estarei entre os vivos e tenho de dar a conhecer as suas palavras antes que morra, para que os seus seguidores tenham conhecimento da missão que me designou. Necessito que copies as minhas palavras fielmente, exactamente como tas dito, tal como Ele mas transmitiu.

Eliezer saiu do casebre e regressou passados uns instantes com folhas de papiro, pequenos frascos de tinta e vários cálamos. Colocou uma mesa baixa de madeira mesmo ao lado do leito do seu mestre, sentou-se no chão e começou a escrever as palavras do ancião.

– O meu nome é Yehudah. Nasci na aldeia de Is-qeriyot, na região de Ghor. Fui apóstolo de Nosso Senhor e segui-o pelos campos da Judeia e da Galileia.

A persistente tosse seca do ancião obrigava-o a deter-se de vez em quando no relato, e a sua respiração tornava-se difícil. Eliezer transcreveu habilmente os símbolos aramaicos para o papiro. Após tragar um gole de água, o ancião prosseguiu o seu relato.

Ao entardecer, o bairro de Sião, com as suas pequenas lojas, pátios interiores, açoteias e becos escuros, transformava-se num autêntico labirinto de ciladas, o qual nem sequer os soldados romanos ousavam atravessar a certas horas. Os zelotes, que se opunham à ocupação, tinham estreitado tanto algumas ruas que os romanos se viam obrigados a patrulhá-las sem armaduras.

Simão entrou numa das casas. Pedro pedira-lhe que se ocupasse dos preparativos da ceia para treze comensais, que seria celebrada nessa mesma noite enquanto ele se encarregava de uma certa missão. Acedeu à casa por um estreito pátio cujo percurso podia ser controlado a partir de uma vigia colocada na porta. Simão comprara o cordeiro que seria comido na ceia. Quando confirmou que o animal não tinha qualquer osso partido, algo imprescindível na Páscoa, introduziu-o no forno.

João, outro dos comensais, encarregara-se de preparar o local para a ceia. Colocou uma grande mesa e dispôs nela treze pratos e treze taças,

além de um candeeiro com velas que seriam acesas quando se iniciasse o *seder*, a refeição mais importante da liturgia judaica.

Pouco a pouco, os convidados foram chegando à casa. Iam-se aproximando do poço situado no meio do pátio, extraíam água e procediam às suas lavagens. Enquanto o cordeiro era assado, João e Simão vigiavam a entrada do pátio.

Cada vez que soava uma pancada na porta, Simão abria a vigia, observava quem se encontrava do outro lado, abria os grossos ferrolhos e permitia a entrada ao recém-chegado.

Os convidados reconheciam-se e abraçavam-se com satisfação ao encontrarem-se. Pouco a pouco, todos foram chegando, mas faltavam três: Jesus Cristo, Judas Iscariote e Pedro. Mateus, que trabalhara como cobrador de impostos para os romanos e se convertera no oitavo discípulo, começou a sentir uma certa inquietação pela ausência de Pedro.

– Que pode ter acontecido a Pedro para não estar entre nós? – perguntou.

– Vi-o nas imediações do templo, quando levei o cordeiro ao sacrifício. Não creio que lhe tenha acontecido alguma coisa – respondeu Simão.

O que chamou a atenção dos restantes discípulos foi o facto de Pedro, que tinham elegido como líder, se encontrar perto do templo. Simão foi mesmo mais longe, explicando aos presentes que tinha visto o apóstolo a falar com Jónatas, o chefe da guarda, mas que naquele momento não dera grande importância ao assunto.

No preciso instante em que Simão respondia à pergunta de Mateus, Caifás, o sumo-sacerdote, estava a oferecer a um dos discípulos trinta moedas de prata por trair aquele a quem chamavam Jesus.

O discípulo propôs entregar o mestre aos guardas do templo na mesma casa de Sião onde seria celebrada a ceia, mas Jónatas não estava disposto a arriscar-se a sofrer uma emboscada nas estreitas ruas daquele labirinto.

Como segunda opção, o traidor ofereceu ao oficial a possibilidade de entregar o seu mestre no lugar para o qual, após finalizarem a ceia da Páscoa, iriam orar: Ghat Shemane, o lagar de azeite, ou Getsemani. O oficial aceitou, uma vez que, se detivesse o homem em campo aberto, evitaria uma emboscada.

- Como reconhecemos o teu mestre? – perguntou Caifás ao traidor.
- Eu vo-lo indicarei – respondeu.
- Muito bem. Vai ser precisamente esta noite – assegurou o sumo-sacerdote – e serás tu quem nos vai entregá-lo.

A escassa distância dali, o Homem tinha chegado à casa onde deveria reunir-se com os seus doze discípulos. Enquanto lavava as mãos e os pés, perguntou por Pedro.

– Não sabemos onde está – respondeu Tomé, o pescador nado e criado nas margens do mar da Galileia. Os restantes que ali estavam reunidos viam-no como taciturno, receoso e demasiado pessimista.

De repente, ouviram-se umas pancadas secas na porta. Era Judas Iscariote. Já só faltava Pedro. Este chegou passado pouco tempo, juntando-se aos restantes.

– Perdoa o meu atraso, mestre – desculpou-se.

– Só espero que a causa do teu atraso se deva a motivos pessoais e não por terem sido outros a decidir desse modo – respondeu o mestre.

Os discípulos não entenderam a que se referia e porque falava com tanto mistério aquele que tinham escolhido como guia.

Bartolomeu, a quem os companheiros chamavam de Lutador e cuja ascendência remontava à rebelião dos macabeus, dois séculos antes, quebrou o tenso silêncio.

– O cordeiro está preparado – anunciou.

Pedro ainda não se havia recomposto da surpresa perante a estranha resposta do seu Mestre. Este, antes de subir ao piso de cima, onde iria ser celebrada a ceia, pediu a Judas que se reunisse a sós com ele, no pátio.

Pedro tentou segui-los, mas o Homem fez um sinal com a mão para que ficasse onde estava.

– Só ele, o meu fiel Judas, deve ouvir o que vou dizer – sentenciou.

Pedro, Bartolomeu e Santiago, o Menor, permaneceram nas imediações, assistindo com curiosidade à cena que se desenrolava diante deles. Pouco depois, os três apóstolos viram como Judas, com os olhos alagados de lágrimas, se ajoelhava perante Ele, segurando uma mão entre as suas, enquanto o Homem tocava com a outra mão na cabeça do seu discípulo, como se estivesse a consolá-lo.

Quando o Homem e Judas se juntaram aos restantes, dirigiram-se para o piso de cima e os doze discípulos distribuíram-se pela mesa, sentando-se à volta do seu mestre. O Homem acendeu as velas.

– Desejei celebrar esta Páscoa com todos vós antes de padecer, porque vos digo que já não celebrarei mais até que chegue o Reino de Deus – declarou.

Os discípulos guardaram silêncio. Judas, ainda com lágrimas nos olhos, olhava atentamente para o seu Mestre. Pedro, por seu lado, mantinha-se quase alheio ao que ali se estava a passar, como se aguardasse que alguma coisa acontecesse.

O relato foi interrompido pela forte tosse do moribundo. O seu discípulo tentou dar-lhe um pouco de água a beber, à qual se misturou o sangue da expectoração.

– Resta-me pouco tempo. Temos de prosseguir, é necessário – propôs o ancião.

Antes de continuar, Eliezer levantou-se e encheu as lamparinas com azeite para aumentar a intensidade da luz.

O Mestre benzeu um dos jarros e encheu o primeiro copo em honra do *kiddush*, a santificação; um segundo copo pelo *haggadash*, a celebração do cordeiro; um terceiro copo pelas orações de acção de graças; e, finalmente, um quarto copo para acompanhar as últimas preces. Em seguida, voltou a falar:

– Porque vos digo, a partir deste momento, não beberei do fruto da vida até que chegue o Reino de Deus.

Em seguida, o Mestre passou a João o prato do *hazareth*, um molho picante de cor avermelhada. João pegou num pedaço de pão e ensopou-o no molho. Seguidamente, passou o prato a André, este a Bartolomeu, seguindo-se Tomé, Mateus, Santiago, o Menor, Filipe, Judas Tadeu, Simão, o Zelote, Judas Iscariote e, finalmente, Pedro.

João não tirava os olhos de Pedro. Os restantes não confiavam nele. João, o antigo pescador, em muitas ocasiões revelara-se quezilento, indolente e egoísta com os outros discípulos e estava ansioso por usurpar o lugar de Pedro junto do mestre. Judas olhava em silêncio para Pedro e João, guardando segredo daquilo que o Homem lhe anunciara

no pátio. Aquela não parecia uma ceia de Páscoa, mas antes uma ceia de despedida.

Para Judas, o seu Mestre estava a tentar que os doze trabalhassem juntos, sem ambições desmedidas entre eles. Nenhum devia ser superior aos outros, nem mais poderoso entre os humildes, nem mais importante entre os modestos. Os doze encontravam-se ali reunidos, numa humilde casa de Sião, não só para que o Mestre pudesse agradecer-lhes a sua fidelidade, mas também para os informar da missão que lhes iria encomendar: onze deles deveriam servir de guias religiosos para o resto da humanidade. O último dos doze seria o eleito.

Pedro sentia-se incomodado com João, que o acusava de não seguir os preceitos do seu Mestre e de, amiúde, se revelar superior aos demais.

– Eu, pelo menos, estou disposto a seguir o meu Mestre até à morte!  
– exclamou Pedro.

O Mestre interrompeu subitamente a discussão.

– Na verdade te digo, Pedro, que hoje, antes que o galo cante, me negarás três vezes.

A partir desse preciso momento, a ceia decorreu segundo as normas estabelecidas: recitaram-se os salmos 113 e 144 do *Hallel*, bebeu-se a água com ervas amargas e cada um dos comensais degustou um pedaço de cordeiro.

– Um de vós entregar-me-á – sentenciou o Mestre quase no final da ceia.

– A quem te referes? – perguntou Santiago, o Menor.

Fez-se um longo silêncio.

– O que ides fazer, fazei-o de imediato, porque um de vós entregar-me-á para que outro de vós possa herdar as chaves do Reino quando eu já não estiver entre vós.

Os presentes dirigiram as atenções para Pedro, que tentou evitar os olhares.

– A única coisa que vos digo é que não podereis seguir-me ao local para onde vou, mas deveis amar-vos uns aos outros tal como eu vos amei. Foi glorificado o Filho do Homem e Deus foi glorificado Nele. Se Deus foi glorificado Nele, Deus também o glorificará em si mesmo, e glorificá-lo-á de imediato.

Após um breve silêncio, o mestre pegou num pedaço de pão e disse:

– Tomai e comei, porque este é o meu corpo.

Em seguida, pegou numa taça de vinho e pronunciou num tom solene:

– Tomai e bebei, porque este é o meu sangue, testamento da aliança, que será derramado por muitos para o perdão dos pecados.

Todos beberam dela e, uma vez vazia, devolveram-na ao Mestre.

– Levantai-vos e vamo-nos daqui – ordenou.

Simão, o encarregado da segurança, impôs-lhes que saíssem da casa um a um, para que passassem despercebidos e se dirigissem à Porta Dourada, que permanecia aberta e sem vigilância de soldados romanos por motivo da Páscoa.

Pouco depois, o Mestre voltava a reencontrar-se com os seus discípulos entre o arvoredo de Getsemani, no sopé do Monte das Oliveiras. Alguns deles sentaram-se no chão, encostados às árvores, enquanto outros continuaram de pé, a conversar.

A noite decorria entre preces e longas dissertações quando, de repente, entre as árvores, surgiu um grupo de soldados empunhando as suas espadas. Vários discípulos puseram-se de pé.

– Chegou a hora e o Filho do Homem vai ser entregue às mãos de pecadores. Levantai-vos! Olhai, pois o que me vai entregar está perto.

Todos os olhares se concentraram no apóstolo que se encontrava mais próximo do Mestre, Judas Iscariote, a quem tinha estendido a mão. Num lugar afastado, alheio ao que ali estava a acontecer, Pedro observava a cena.

Vários guardas do templo, comandados por Jónatas, prenderam Jesus Cristo. Simão, o Zelote, habituado a fugir e atacar as forças romanas e herodianas que o perseguiram nas montanhas da Galileia, pressentiu o perigo. Com uma adaga em riste, correu a proteger o Mestre, que já se identificara e estendia as mãos para ser preso.

– Guarda a tua adaga – ordenou-lhe o Mestre, enquanto os guardas já lhe atavam as mãos.

Poucas horas mais tarde, enquanto Jesus era interrogado no Grande Sinédrio, uma mulher aproximou-se de Pedro e, diante de um grupo de soldados, perguntou-lhe:

– Não és também um discípulo daquele homem?

Pedro abanou a cabeça, negando conhecer o prisioneiro. Tinha sido produzida a primeira negação.

Quando Jesus era transferido para ser presente ao sumo-sacerdote, Pedro viu-se novamente rodeado por uma multidão. Uma criada agitou um dedo, acusando-o de ser um seguidor daquele que estava a ser julgado diante do sumo-sacerdote. A mulher alegava que tinha visto Pedro a caminhar lado a lado com o Homem, que ia montado num burro.

Pedro negou com firmeza.

– Não o conheço! Eu seguia atrás do animal – gritou em sua defesa.

Tinha sido produzida a segunda negação.

Quando tentava abandonar o local, um criado golpeou Pedro no peito e acusou-o:

– A tua própria forma de falar revela-te como seguidor desse Homem.

O discípulo começou a maldizer o criado, acusando-o de mentiroso e gritando para quem o quisesse ouvir que não conhecia «aquele Homem». Tão convincente foi o seu discurso que os criados e guardas que se tinham aproximado devido ao alvoroço recuaram. Após a terceira negação, o galo cantou.

Poucas horas depois, o Homem, o Mestre dos doze apóstolos, sofria na prisão. Foi açoitado até à exaustão, golpeado, cuspidos e, por fim, crucificado no monte do Gólgota.

Os espectadores que se tinha aglomerado para assistirem à crucificação foram-se dispersando, enquanto os soldados mantinham guarda ao pé da cruz. Quando os militares pensavam que o réu tinha falecido, este levantou a cabeça e, olhando para os ladrões que estavam crucificados ao seu lado, disse:

– Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.

Três horas após ter sido crucificado, o réu voltou a falar:

– Tudo está cumprido.

Estas seriam as suas últimas palavras.

Longino, o oficial romano encarregado de confirmar a morte do réu e que actuava como *exactor mortis*, empunhou a sua lança por uma das extremidades e cravou-a nas costas do Homem.

A poucas milhas dali, um dos apóstolos escapava-se por entre o oculto manto da noite numa barcaça de pesca, rumo ao seguro porto de Alexandria.

Durante horas, dias e noites, à luz das lamparinas de azeite, o ancião ditou as suas memórias ao discípulo Eliezer. Queria deixar claro qual tinha sido o seu lugar na história.

Tinham passado seis luas quando, numa noite, Eliezer, tal como havia feito noutras ocasiões, entrou no casebre para dar seguimento à transcrição das memórias do seu mestre.

– Mestre? – perguntou o discípulo, sem obter resposta. – Mestre?

O discípulo aproximou a lamparina de azeite do último dos apóstolos. O seu rosto amarelecido e coberto de suor revelava que tinha morrido nessa mesma noite, entre terríveis pesadelos.

Eliezer compreendeu então que aquelas folhas de papiro que se encontravam a seu lado, amontoadas sem qualquer ordem, mudariam o curso da história do cristianismo. O que ignorava naquele momento é que havia muitas pessoas a quem não interessaria que aquelas palavras viessem à luz até aos finais dos tempos.

\*\*\*

*Gebel Qarara, Médio Egipto, 1955*

As montanhas de Gebel Qarara erguiam-se majestosas com a sua cor cobreada, típica do deserto egípcio. A sua aparência misteriosa e árida conferia-lhe um aspecto certamente lunar, como se fosse de um outro planeta. Das alturas, os fortes e constantes ventos arrastavam nuvens de areia quente que se colava ao corpo com uma fina película. Os mesmos ventos circulavam ao longo e ao largo do vale, até às suas profundezas, transformando-o num forno constante de quarenta graus à sombra.

O fundo do vale tornara-se uma zona muito frequentada pelos *fellahim*, camponeses que exploravam a região em busca de *sabakh*, um fertilizante rico em nitratos muito utilizado pelos agricultores. Uma certa noite, três *fellahim* penetraram no vale. O cabecilha do grupo chamava-se Hany Jabet. Acompanhavam-no o amigo Mohamed e o sobrinho deste. Os três homens empunhavam archotes e pás que carregavam em três pequenos burros.

Uma colina perto de uma parede foi o local escolhido pelo grupo para começar a procurar o tão ansiado *sabakh* que poderia aliviar a fome

das suas famílias, pelo menos durante uns dias. Para muitos destes homens, esta substância era um meio de subsistência enquanto não tivessem a sorte de encontrar algum túmulo perdido que pudessem saquear para depois vender os objectos no mercado clandestino de El-Minya ou mesmo nos de Cairo ou Alexandria.

Hany Jabet, Mohamed e o seu sobrinho começaram a cavar com as suas pás de madeira. De repente, Mohamed golpeou qualquer coisa dura muito perto da rocha. A princípio, pensou que tivesse embatido na pedra da ladeira da montanha, mas um segundo golpe fez cair uma grande quantidade de areia que cobria uma espécie de lápide funerária. Os três homens julgaram tratar-se de mais uma parte da parede, mas Hany ficou alerta, porque lhe parecia ter sido polida pela mão do homem e não pelos elementos.

Os três homens entreolharam-se, surpreendidos, pensando intimamente que poderiam ter encontrado o túmulo perdido de um faraó ou de um sumo-sacerdote. Tanto uns como outros eram enterrados com importantes e valiosas oferendas, objectos que seriam facilmente vendidos no mercado negro.

O saque de túmulos vinha sendo praticado no Egipto desde o próprio dia em que foram erguidas as primeiras pirâmides. Os faraós, inclusivamente, ordenavam que, quando morressem, os arquitectos e escavadores fossem enterrados junto a eles para salvaguardarem a localização exacta da entrada secreta da câmara mortuária.

Os três homens continuaram a golpear a lápide com as suas pás, tentando deixar à vista o tamanho real da entrada. Enquanto golpeavam a pedra polida com os primeiros raios de sol da manhã, sonhavam ter encontrado um túmulo que trouxesse à luz os indícios dos gloriosos quatro mil anos de história do Egipto.

Os *fellahim* revezavam-se para tentar separar a grossa lápide que dava acesso ao interior da gruta. A cada golpe de pá, iam-se desprendendo restos cada vez maiores da laje.

Quando Hany Jabet observou como a porta de entrada se soltara, ordenou a Mohamed que entalasse as pontas das pás por debaixo da lápide para fazer de alavanca. Após quatro tentativas sob o calor sufocante, a pedra começou a mover-se e fez-se sentir um cheiro fétido. Separada a lápide, puderam ver uma pequena passagem escura que dava acesso a outra câmara.

Hany regressou ao lugar onde tinham deixado os burros, para ir buscar mais archotes. Depois de os acender no exterior da gruta, entregou-os a Mohamed e ao sobrinho.

– Esperem até eu entrar para me passarem um dos archotes – ordenou Hany.

Arrastando-se dificilmente pela areia e pelas pedras soltas, o camponês tentou apoiar um pé no meio daquela escuridão. Sob o seu corpo, um movimento das pedras fê-lo cair até ao fundo da gruta.

Rodeado de trevas, pôde ouvir os gritos dos companheiros vindos da boca da entrada.

– Hany, Hany, meu amigo! – gritou Mohamed. – Estás bem? Ai, meu Deus! Não consigo ver-te na escuridão.

De repente, uma mão saiu improvisadamente da boca escura da gruta, agarrando com força o braço de Mohamed. Este deu um salto para fora, enquanto ouvia o som do riso do sobrinho. Entre pragas proferidas, Mohamed apanhou o archote que tinha deixado no chão e regressou com ela à entrada da gruta.

– Sou eu, Hany. Não te assustes e passa-me o archote – pediu o camponês.

À luz do archote, a passagem revelava-se muito mais curta do que era na realidade. No extremo, um desnível com quase dois metros dava acesso a uma câmara com cerca de quarenta metros quadrados. Hany avistou ao fundo o que parecia serem três ataúdes e, no meio deles, um grande *zir*, uma vasilha, possivelmente muito antiga, selada com betume.

Hany Jabet extraiu a sua navalha do cinturão e começou a quebrar os selos que encerravam a tampa da vasilha. Em seguida, levantou a pesada tampa e aproximou o archote para tentar ver o que se ocultava no interior escuro. Pôde apreciar uma caixa branca de pedra calcária que parecia muito antiga. A princípio, pensou que poderia tratar-se do ossário de uma criança.

Com o corpo meio introduzido no interior da vasilha, conseguiu alcançar a pesada caixa e erguê-la até à superfície. Com extremo cuidado, depositou-a no solo arenoso e permaneceu alguns minutos calado, contemplando aquela descoberta.

De repente, o silêncio foi quebrado pelas imprecações de Mohamed, que acedera ao interior da gruta com uma corda atada à cintura. Ao tentar

apoiar os pés sobre um dos ataúdes, a tampa cedeu, deixando a descoberto um dos corpos. Junto a ele, encontravam-se vários frascos de vidro, envoltos em palha e papiro.

– Esta gruta devia ser mais profunda – explicou Mohamed, algo envergonhado, enquanto tentava libertar-se da corda, desatando os seus nós.

Os dois homens, apesar de analfabetos, sabiam muito bem que aquela caixa valeria uma boa quantia de dinheiro. Mohamed extraiu uma cunha metálica e começou a procurar o rebordo exterior. Com um golpe seco, conseguiu introduzir a cunha, servindo-se dela como alavanca, até a tampa ceder.

Os dois *fellahim*, observando com curiosidade o seu interior, descobriram um trapo desbotado que envolvia um objecto. Ao começar a desdobrar as pregas do tecido, viram algo que parecia um livro muito antigo, com capas de couro e escrito em papiro com uns estranhos símbolos. Estava muito bem conservado, provavelmente porque o selo da caixa, da vasilha e da entrada da gruta o tinha preservado das inclemências do tempo, ao longo de séculos.

Sem pensar, os *fellahim* decidiram embrulhar de novo o manuscrito e depositaram-no no seu lugar. Depois, puseram a caixa no interior da vasilha, antes de a fechar. Os dois homens selaram o exterior da gruta e, entre os três, colocaram a lápide polida a tapar a entrada. Em seguida, começaram a cobrir a laje com grandes pazadas de areia e pedras.

Enquanto se afastavam do lugar, montados nos seus burros, Mohamed perguntou a Hany:

– Que fazemos agora? A quem vamos dizer?

Hany, que seguia na frente, virou-se e respondeu:

– A ninguém. Não podemos contar a ninguém. Diz ao teu sobrinho que, se eu souber que deu com a língua nos dentes, serei eu mesmo, com as minhas próprias mãos, a esquartejá-lo, a besuntar-lhe o corpo com sal e a envolvê-lo em pele de porco.

Mohamed e o sobrinho eram muçulmanos; Hany, copta.

– Não te preocupes com ele – advertiu-o Mohamed. – Para seu bem, manterá a boca calada.

Por volta do meio-dia, a pequena caravana tinha chegado à aldeia. Hany despediu-se dos companheiros e indicou-lhes que não o contactassem

até que os chamasse. Hany Jabet tentava por todos os meios não levantar suspeitas na sua aldeia e muito menos que a polícia soubesse.

Sem pronunciar uma única palavra, Hany entrou na sua casa, beijou a esposa na testa, pegou num saco e introduziu nele algumas peças de roupa limpa e uma imagem sagrada do *Adra*, a Virgem Maria. Em seguida, saiu de casa e dirigiu-se até à saída da aldeia para esperar pelo autocarro desconjuntado que o levaria à cidade mais próxima, Maghaha.

Após uma viagem de uma hora por estradas poeirentas e esburacadas, o autocarro deteve-se logo após cruzar o braço do Nilo. A travagem fez com que Hany despertasse do longo sono em que se afundara. Tinha sido um dia esgotante.

Apeou-se e dirigiu-se a um homem que vendia tâmaras secas numa esquina para lhe perguntar o nome de uma rua. O vendedor levantou-se e começou a explicar-lhe como deveria chegar ao seu destino.

Após caminhar alguns minutos, Hany chegou por fim a uma casa com um pátio frontal. Na rua, várias crianças jogavam com uma bola de borracha. O escavador assomou a cabeça para ver se havia alguém lá dentro. No interior, uma voz feminina perguntou o que desejava.

– Gostaria de falar com o senhor Abdel Gabriel Sayed – pediu Hany, enquanto via que a mulher se aproximava dele, secando as mãos.

– O meu marido deve estar quase a chegar. Se quiser, pode esperar lá dentro – convidou a mulher, abrindo a porta para permitir o acesso do recém-chegado.

A casa de Sayed era típica de uma humilde família copta tradicional. Ao entrar, Hany pôde detectar o penetrante odor do *regiff* árabe e do *samma baladi*, a manteiga clara. O escavador sabia que Sayed era uma pessoa trabalhadora que se dedicava ao cultivo de alho, feijão, trigo e cana-de-açúcar, mas, para aumentar os seus rendimentos e alimentar a sua numerosa família, à semelhança de muitos outros nesta zona do Egipto, dedicava-se a procurar qualquer objecto interessante susceptível de ser vendido nos mercados. O seu achado mais importante tinha sido o de vários tecidos coptas antigos dos séculos IV e V, descobertos numa gruta perto de El-Lahun. Hany sabia que, graças a estes achados, Sayed tinha bons contactos com diversos comerciantes

no Cairo e em Alexandria, ainda que, em termos realistas, os seus contactos não fossem além de pequenos joalheiros que adquiriam qualquer bagatela que lhes levassem, desde amuletos, telas, pedaços de vasilhas ou o que pudesse ser considerado de certo valor.

Obviamente, desde o momento em que a peça era achada no Médio Egipto até chegar aos mercados do Cairo, o seu preço podia aumentar até duzentos por cento sobre o seu valor real. Naturalmente, os comerciantes aproveitavam-se da ignorância dos escavadores, que só falavam o dialecto local, mas, mesmo assim, Sayed sempre sabia tirar bom partido das peças que ele próprio transportava numa esgotante viagem de carro, de três horas, de Maghagha até à capital.

O comércio deste tipo de peças era tão antigo como a própria civilização egípcia. Desde o século XIX, exploradores e conquistadores chegados da Europa descobriram o Egipto e as suas riquezas do passado. Alguns dos seus maiores tesouros, como a Pedra Roseta, tinham sido encontrados em túmulos e depois comprados ou mesmo roubados para posterior envio para a Europa, onde eram expostos em importantes museus de Londres, Berlim, São Petersburgo ou Roma. Após o final da Segunda Guerra Mundial, quando o Egipto alcançou a sua plena independência, os líderes do país começaram a colocar sérias restrições ao comércio ilegal de antiguidades, mais com o intuito de o controlar do que de o travar.

Uma lei aprovada nos anos cinquenta concedia aos *marchands* seis meses para registarem os objectos que tivessem em sua posse e assim restringir a sua venda. Com o passar dos anos, o governo egípcio procurou novos mecanismos para controlar melhor esse comércio ilegal. Não obstante, essas medidas pouco ou nada puderam fazer para regulamentar uma actividade que, sendo ainda muito perseguida, era difícil de limitar, devido aos altos benefícios que se conseguiam com ela.

Por esta razão, existia um mercado lucrativo e ilegal de peças que eram directamente saqueadas de túmulos ou de escavações, objectos em questão que não surgiam em nenhum registo e que, por isso, não existiam para a administração de antiguidades do Egipto.

Os egiptólogos de todo o mundo e os peritos em antiguidades da região costumavam dizer: «Um objecto egípcio é considerado falso ou

de origem suspeita, a menos que seja demonstrado o contrário». Se a administração egípcia descobria que uma peça tivesse sido vendida depois da aprovação da lei, podia reclamar legalmente a sua devolução. Sayed era apenas um dos degraus inferiores desta cadeia de tráfico ilegal de antiguidades.

Hany encontrava-se a comer tâmaras e a tomar chá de hortelã quando ouviu no exterior da casa uma gritaria de crianças. Eram os numerosos filhos de Abdel Gabriel Sayed a acolher o pai. Hany levantou-se para cumprimentar o recém-chegado.

– Senhor Sayed, tenho de falar consigo em privado – disse o escavador.

– Bem, deixe-me lavar as mãos e depois falaremos – respondeu Sayed, enquanto cumprimentava a esposa.

Minutos depois, ambos os homens se encontravam frente a frente, à volta da *tableya*, uma mesa baixa onde estavam alinhados pratos com manteiga, pão e pasta de grão com azeite. De repente, Hany baixou o tom de voz para evitar que alguém pudesse escutar a sua conversa. O rosto de Abdel Sayed foi mudando de expressão enquanto Hany lhe revelava o que tinham descoberto na gruta de Gebel Qarara. Depois de permanecer uns minutos em silêncio, Sayed ordenou a Hany que não comentasse nada da sua descoberta, e que ele se ocuparia de tudo. A sua ideia era viajar de carro até à mesma gruta, extrair todos os objectos valiosos e voltar a tapar a entrada para não deixar rasto do espólio.

– Há que fazê-lo com o maior sigilo para que nem a polícia nem outros ladrões de túmulos possam saber o que estamos a averiguar – disse em voz baixa. – De qualquer forma, é melhor que hoje durma em minha casa e amanhã, antes do amanhecer, partiremos para Gebel Qarara para entrar na gruta.

Poucas horas depois, quando o sol ainda não tinha rompido e o céu parecia tingido de tons violetas e vermelhos, o desconjuntado carro de Abdel Sayed entrava no árido vale. Meio quilómetro mais adiante, o veículo detinha-se à entrada do túmulo. Os dois homens apearam-se e retiraram do porta-bagagem duas pás com as quais começaram a cavar para abrir o recinto selado.

Ao cabo de meia hora, já com o sol fustigando-lhes as costas, conseguiam abrir a boca da gruta. O único som que os acompanhava era o do

vento que se esgueirava pelo fundo do vale. Depois de acenderem dois archotes, Sayed e Hany arrastaram-se pelo interior do túmulo. O cheiro fétido era penetrante, mas conseguiram suportá-lo graças à corrente de ar fresco que chegava do exterior.

Com uma faca, Hany abriu a vasilha e extraiu do seu interior a pequena caixa de pedra calcária. Ao abri-la, surgiu diante dos olhos de Abdel Sayed um livro de folhas de papiro e capas de couro, escrito numa língua que desconhecia. Voltaram a guardá-lo na caixa, retiraram-na para o exterior e fecharam novamente a gruta com a lápide polida. Sayed colocou a caixa na mala do veículo e tapou-a com uma velha lona. Com o mesmo sigilo com que tinham chegado, retiraram-se do local sem deixar a menor pista da presença da gruta.

O que aqueles camponeses ainda não sabiam era que o clima seco e quente de Gebel Qarara ajudara a conservar um dos maiores segredos do cristianismo. Desde o preciso momento em que o tinham extraído da gruta, teve início a contagem decrescente da sua destruição.

O que Hany e Sayed também ignoravam era que acabavam de expor à luz a palavra de Judas Iscariote, desde as profundezas mais recônditas e obscuras da história. Tinham passado mil oitocentos e noventa e cinco anos desde a morte do apóstolo mais querido de Jesus; e agora, num lugar perdido no Médio Egipto, uns *fellahim* resgatavam o seu testemunho. Aquele livro tornar-se-ia um dos achados mais importantes da história bíblica do presente século.

\*\*\*

*São João de Acre, actual Acre*

«Que faço aqui? Como cheguei até aqui? Como cheguei a este lugar escuro? Como cheguei a esta catacumba? Não consigo lembrar-me... – disse a jovem, encostada à parede. – Preciso de saber como cheguei até aqui. Recorda... recorda... Afdera, tenta recordar. Como chegaste até aqui? Está frio e há muita humidade. Ah... sim, agora as minhas recordações começam a ficar mais claras, começo a ver tudo com nitidez. Lembro-me da voz de Ariel a gritar o meu nome naquele dia de Verão. Fazia muito calor. Sim, agora me lembro daquele dia de calor diante daqueles túmulos abertos, perto de Jerusalém. Lembro-me de ouvir

Ariel a gritar o meu nome para chamar a minha atenção e daquela mensagem da minha irmã Assal. Recordo-me do telefonema para a minha irmã, na nossa casa em Veneza. Sim, lembro-me disso. Recordo-me da mensagem dela acerca da avó. Da sua saúde. Estava a morrer e queria falar comigo... foi aí que tudo começou...».